



a coreografia poética insular

**conceição lima**

revista  
**mangues  
& letras**

20 de novembro de 2022  
número 18  
ISSN 2236 9570



## EXPEDIENTE

Editores Responsáveis: Tânia Lima, Carlos Emílio Corrêa Lima

Organizadoras desta edição: Inocência Mata; Tânia lima; Assunção Sousa; Carmen Tindó Secco Vanessa Ribeiro.

Revisão: Assunção Sousa, Carmen Tindó, Ana Luísa Camino

Idealização do projeto gráfico: Jhonny Silva, Júlio Cadó, Alexis Protásio

Contato - email: [manguesletras@gmail.com](mailto:manguesletras@gmail.com)



20 de novembro de 2022  
Edição Número 18  
ISSN: 2236 9570



## CONSELHO DAS ARTES

Abdoul Savadogo (Burkina Faso); Adriana Bayer (RS); Ady Canário (RN); Andrea Muraro (CE); Ana Cláudia Gualberto (PB); Agnaldo Rodrigues da Silva (MT); Amarino Queiroz (RN); Amosse Mucavele (Moçambique); Anória Oliveira (BA); Arlete Petry (RN); Assunção Sousa (PI); Anelito Oliveira (MG); Alexandre da Silva Aguiar (RN); Auria Rafael (CE); Aurinéa de Assis (CE); Basilele Malomalo (BA); Bráulio Tavares (PB); Chacal (RJ); Carito Cavalcante (RN); Carlos Augusto Viana (CE); Carlos Braga (RN); Carlos Emílio Corrêa Lima (CE); Carlos Gurgel (RN); Carmen Alveal (RN); Carmen Tindó Secco (RJ); Cellina Muniz (RN); Conceição Evaristo (RJ); Conceição Flores (RN); Constância Lima Duarte (MG); Daniela Galdino (BA); Danúbio Gomes (RN); Derivaldo dos Santos (RN); Edson Cruz (SP); Eduardo de Assis Duarte (MG); Élen Rodrigues Gonçalves (MG); Érica Zingano (CE); Elio Ferreira (PI); Enilce Albergaria (França); Fábio Vieira (RN); François Weigel (RN); Francy Silva (PB); Fátima Costa (PE); Fernanda Meireles (CE); Hebe Macedo (CE); Herbert Rolim (CE); Humberto Hermegildo (RN); Jane Tutikian (RS); João Paulo Pinto Có (Guiné-Bissau); Jhonny Breathless (RN); José Luís Ferreira (RN); Josilene P. Mariz (PB); Júlio Cadó (RN); Júlia Ferreira (MG); Jurema Oliveira (ES);

Júlio Lira (CE); Laéria Fontenelle (CE); Leo Mackellene (CE); Lepê Correia (PE); Lourdinha Leite Barbosa (CE); Luís Tomás Domingos (Moçambique); Luís Antônio Valverde (BA); Luís Serguilha (Portugal); Maria Valdênia da Silva (CE); Maria Nazareth Fonseca (MG); Malu Barbosa (CE); Marcos Costa (RN); Márcio Barbosa (RN); Márcio Catunda (CE); Marinei Almeida (MT); Mona Gadelha (CE); Mileide Flores (CE); Naduska Mário Palmeira (RJ); Nelson de Oliveira (SP); Nuno Rau (RJ); Oswald Barroso (CE); Pauline Champagnat (França); Pauline Chiziane (Moçambique); Petrus Cariry (CE); Piúba (CE); Raul Agrella (CE); Renata Thomé (RN); Renata Rolon (AM); Roberto Seidel (BA); Roland Walter (PE); Rosanne Araújo (RN); Ricardo Guilherme (CE); Rita Chaves (SP); Sávio Freitas (PB); Sebastien Joachim (Canadá); Silvia Debs (França); Simone Caputo Gomes (SP); Simone Pereira Schmidt (SC); Suely G. de Souza (RN); Suzete Nunes (CE); Inocência Mata (Portugal); Izabel Nascimento (RN); Tânia Macêdo (SP); Tânia Lima (RN); Thiago Arrais (CE); Uirá dos Reis (CE); Vanessa Ribeiro (RJ); Vanessa Riambau (PB); Zuleide Duarte (PB).



## EDITORIAL

Por Tânia Lima e Carlos Emílio Corrêa Lima

A edição comemorativa deste volume rende à Conceição Lima, poeta da ilha de São Tomé e Príncipe, um convite à palavra cerzida no universo de uma literatura que reivindica na eleição das metáforas o experimento com o verbo anamnese. Ao transpor a leitura da memória como guardião dos séculos, a palavra em Conceição Lima alcança a reminiscência de uma cosmogonia afroinsular com um tipo de poesia crítica que denuncia as consequências da colonialização no território africano. Enquanto casa matrilinear, a reescritura da poeta de *O útero da casa* alinhava o fio da criação literária à po-ética do Arquipélago. No universo insular das palavras, a ilha poética de Conceição Lima aparece em três momentos desta revista, a saber: a primeira inclui poemas selecionados à luz das literaturas contemporâneas africanas; sendo a segunda parte direcionada à cartografia local, em um contexto histórico social e intercultural, que requisita a matriz da poesia são-tomense no contexto do anticolonialismo. No penúltimo e no último momento, destaca-se uma breve homenagem que se apresenta no formato de uma entrevista inédita concedida à professora Assunção Sousa, da Universidade Estadual do Piauí.

A revista *Mangues & Letras* entrega, portanto, ao público leitor um breve dossiê sobre aquilo que trespassa a leitura de mundos no país de Akendengué.

Na movência de uma política de inclusão, içada pela resistência e pela esperança, a poeta, aqui celebrada, chega a sentenciar no estribilho da ironia o que aparece como invisibilidade social: “*Pelo mar viemos com febre. De longe viemos com sede. Chegamos de muito longe sem casa*”. A memória da palavra relembra a memória da plantação em água e pedra que se liquefaz ao acompanhar o movimento secular da agricultura marítima. Ao nortear a amplitude de uma imaginação movente que se espraia no contra fluxo de uma consciência estética. Inocência Mata, ao visitar Conceição Lima a partir do que a poetisa transfigura nos deslimites da arte, aponta para uma dupla temporalidade, feita da expressividade da dinâmica da história (a resistência à narrativa oficial, tanto do ponto vista colonial quanto pós-colonial), da sua proposição questionante. Na memória das ilhas, a simples procura em experimentar o tempo da palavra resgata outra maneira de ressignificar as encruzilhadas insulares, seja a partir do que se ramifica no ciclo do círculo ou ao redor de *A dolorosa raiz de Micondó*. A poeta partilha o sensível enquanto resistência e ação transformadora como quem atravessa o legado da Negritude com um tipo de lírica que alicerça a ferramenta de denúncia no sentido de alcançar uma sociedade quem sabe um dia menos desigual.



# CONCEIÇÃO LIMA





## **Vim Para Acender o Teu Nome**

**Vim para acender o teu nome**

**nas pálpebras do poema**

**O teu nome em excesso e carência geminado**

**na atónita face de cansados deuses.**

**Mas a multidão cavalga o dorso**

**de díspares caminhos**

**E alguém em mim pergunta pelos antepassados.**

**Regresso do fundo da memória e do esquecimento.**

*In “Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico”*





OBSERVAR  
OBSERVAR



## Água Grande

Falo-te agora de um rio em mim nascente  
Logo e agrião, ondas mansas em corrente  
Um rio recôndito como o coração da ilha.

Água Grande não tão Congo não tão Nilo  
Água Grande sem canoas nem regatas  
Apenas rio  
Cumprindo no mar seu destino de água.

Mas tu que conheces todas as cidades  
Tu de tantos rios peregrino habitante

Não conheces o rosto da minha cidade  
Não conheces o rio no corpo da minha cidade.

Água Grande além de todas as viagens  
Rio apenas, irmão de todos os rios.

*In “Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico”*











**Mátria**

**Quero-me desperta**

**se ao útero da casa retorno**

**para tactear a diurna penumbra**

**das paredes**

**na pele dos dedos reviver a maciez**

**dos dias subterrâneos**

**os momentos idos**

**Creio nesta amplidão**

**de praia talvez ou de deserto**

**creio na insónia que verga**

**este teatro de sombras**

**E se me interrogo**

**é para te explicar**

**riacho de dor cascata de fúria**

**pois a chuva demora e o obô entristece**

**ao meio-dia.**

**Não lastimo a morte dos imbondeiros**

**a Praça viúva de chilreios e risonhos dedos**



**Um degrau de basalto emerge do mar  
e na dança das trepadeiras reabito  
o teu corpo  
templo mátrio  
meu castelo melancólico  
de tábuas rijas e de prumos.**

*In “O Útero da Casa”*







# A VOZ DE S. TOMÉ

Revista Cultural, Noticiosa e Literária

Publicada e editada em  
S. TOMÉ DE PRINCEPE, S. TOMÉ

Editor  
**RAUL SIMÕES DIAS**

Composto e impresso na  
IMPRIMERIA NACIONAL DE S. TOMÉ

## MASSACRE DO BATEPÁ

### FORROS

### A GRANDE MENTIRA

### OS ACONTECIMENTOS

### PRETOS E BRANCOS

...a situação ...  
...a situação ...

...a situação ...  
...a situação ...

...a situação ...  
...a situação ...

Neste sentido de acordo com que  
se encontra em terras passadas  
no sentido de progresso, pois  
foi no momento das mais radi-  
cais mudanças realidades humanas, e  
lançando o desenvolvimento e a  
liberdade espiritual de todos os  
homens que, durante os séculos  
por duas palavras — qual seria  
de resto — serviram em prole-  
tas que, sobre tudo, e sobre  
tudo, se dedicaram a tudo o possível.

...a situação ...  
...a situação ...

...a situação ...  
...a situação ...



## Espanto

E no mar foi recluso, escoltado caminhante  
De todo o mar apenas foi onda silente  
De marfim os dentes, imperscrutáveis os  
deuses  
Nenhuma trombeta amparou a mudez  
de sua voz sem doutrina.

Com seu nome e sua língua morreram colinas  
A Ocidente se abriu uma vanguarda de  
tumbas  
que expande do desterro a metamorfose

em novos hinos, outros abismos chamados  
ilhas.

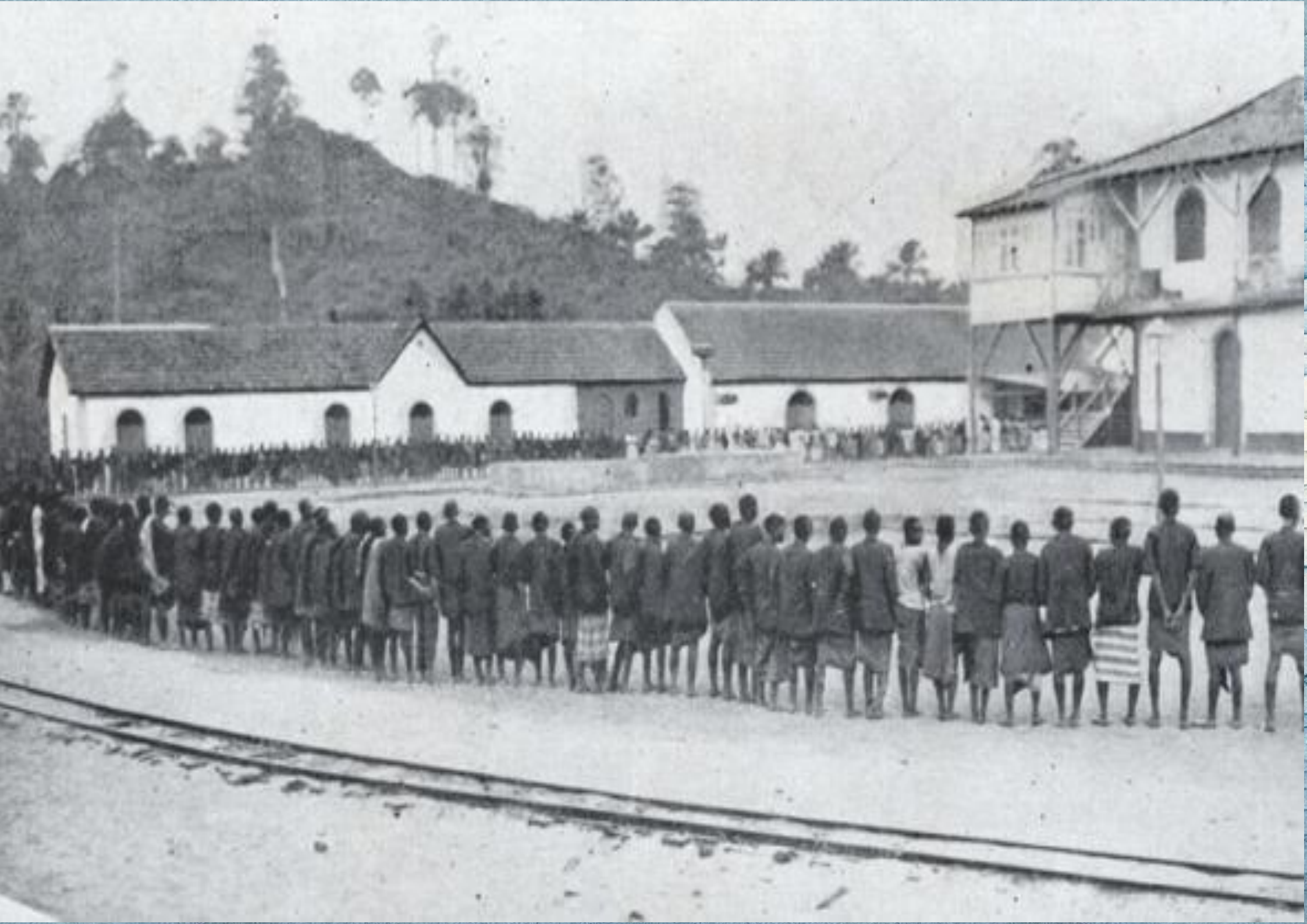
E nem estrela nem astro, nenhuma chama  
Da própria sombra foi a sombra que o amou  
quando impassível marchou a infernal  
engrenagem  
e o mundo emergiu – seu destino e sua casa.

*In “A Dolorosa Raiz do Micondó”*





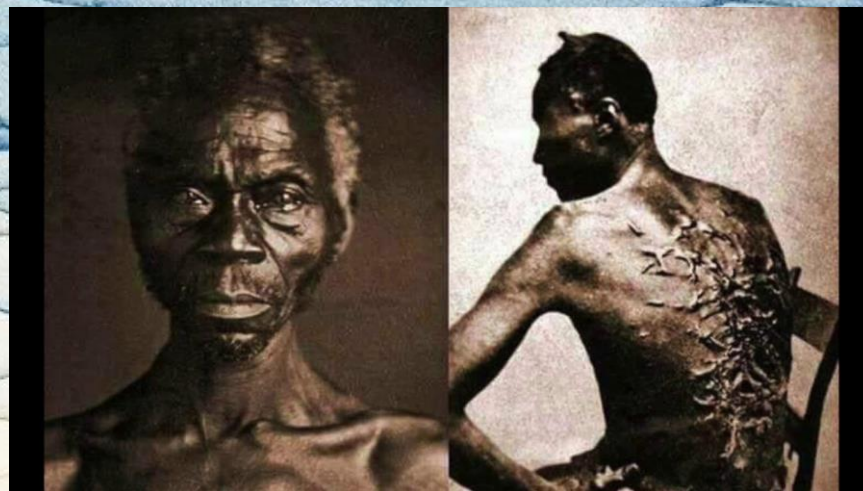














## Massacre de Batepá

Hoje o céu está vermelho. Olho para cima e enxergo através do meu olho marejado de tanto mar que carrego comigo. Lágrimas salgadas que inundam meus olhos, mas que não correm como rios. Só vêm e vão. Num movimento marítimo sem fim, salgado como o mar.

Deito os olhos e vejo que vermelho é o chão. Olho letárgico para o solo vulcânico e sinto o peso insular daquela terra. Sinto o fardo insular de minha cor, do preto da minha pele que esconde o vermelho do meu sangue, um sangue negro. Vermelho-café.

Vermelho é o café, que se torra a semente até ficar negra. Bebida-mundo que carrega meu sangue e suor, que carrega o negro da minha pele. Mestiça. Olho para as minhas mãos de um preto apagado, borrado, chocolate. Bebida-dos-Deuses. Carrega meu tom, minha cor, meu sangue, meu labor. Sabor? Sabor de dissabor. Amargo. Ao meu lado está meu irmão. Deitado. Dormindo? O doce veio dele, de suas mãos calejadas, da força do negro de força. Corta, corta, corta, corta. Ceifando a cana, ceifando a vida. Que vida? Caldo amargo. Doce para os outros. Adoça o café, o chocolate. Adoça a vida?

Desembaço os olhos para ver menos marejado. Roço as costas das mãos calejadas sobre os olhos e me vejo insular. Me vejo ilha. Estou ilha. Sempre fui ilha? Sou preto nômade. Alguns dizem: “és cabo verde”. Outros dizem “és ninguém”. Insular-singular. Aqui tem Moçambique. Tem Angola. Tem preto d’África portuguesa. Preto-colônia. Tem preto *fôrros*. Preto não-preto. Negro sem cor, negro senhor. Tantos pretos, tantos iguais que se sentem diferentes. Querem-nos ilha. Vim da ilha e me querem fazer ilha. Tentamos ser peninsulares e nos mataram. Mataram meu irmão.

Ajoelho sobre a terra, deito meu corpo sobre seu corpo. Desaguio lágrimas no cadáver coberto do sangue vermelho do meu irmão. Morto... Dos meus irmão mortos. Choro oceano. Inundo-me. Transformo-me em ilha.

HELRY COSTA







“A educação e o ensino  
são as mais poderosas  
armas que podes  
usar para mudar  
o mundo.”



“...se podem aprender a  
odiar, podem ser  
ensinadas a amar.”





## **O Guardião**

**Sobre todas as coisas, o guardião  
venera o eco da pr3pria voz.**

**No anel de bondade em redor do trono  
decretou a obediência do vento  
e a vassalagem dos frutos.**

*In "O Pa3s de Akendenguê"*









Na fila da frente - Domingas Samy (Guiné-Bissau), Agostinho Mendes de Carvalho "Uanhenga Xitu" (Angola) Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe), Primeiro-ministro são-tomense Guilherme Pósser da Costa, Jorge Miranda Alfama (Cabo Verde), Conceição Lima (São Tomé e Príncipe);

Na segunda fila - Rui Nogar (Moçambique), Agnelo Regalla (Guiné-Bissau), Conceição Barata (Angola), Pepetela (Angola), Luandino Vieira (Angola), Armindo Vaz D'Almeida (São Tomé e Príncipe) e Albertino Bragança (São Tomé e Príncipe).







## OS HERÓIS

Na raiz da praça  
sob o mastro  
ossos visíveis, severos, palpitam.  
Pássaros em pânico derrubam trombetas  
reçuam em silêncio as estátuas  
para paisagens longínquas.  
Os mortos que morreram sem perguntas  
regressam devagar de olhos abertos  
indagando por suas asas crucificadas

In *“O Útero da Casa”*

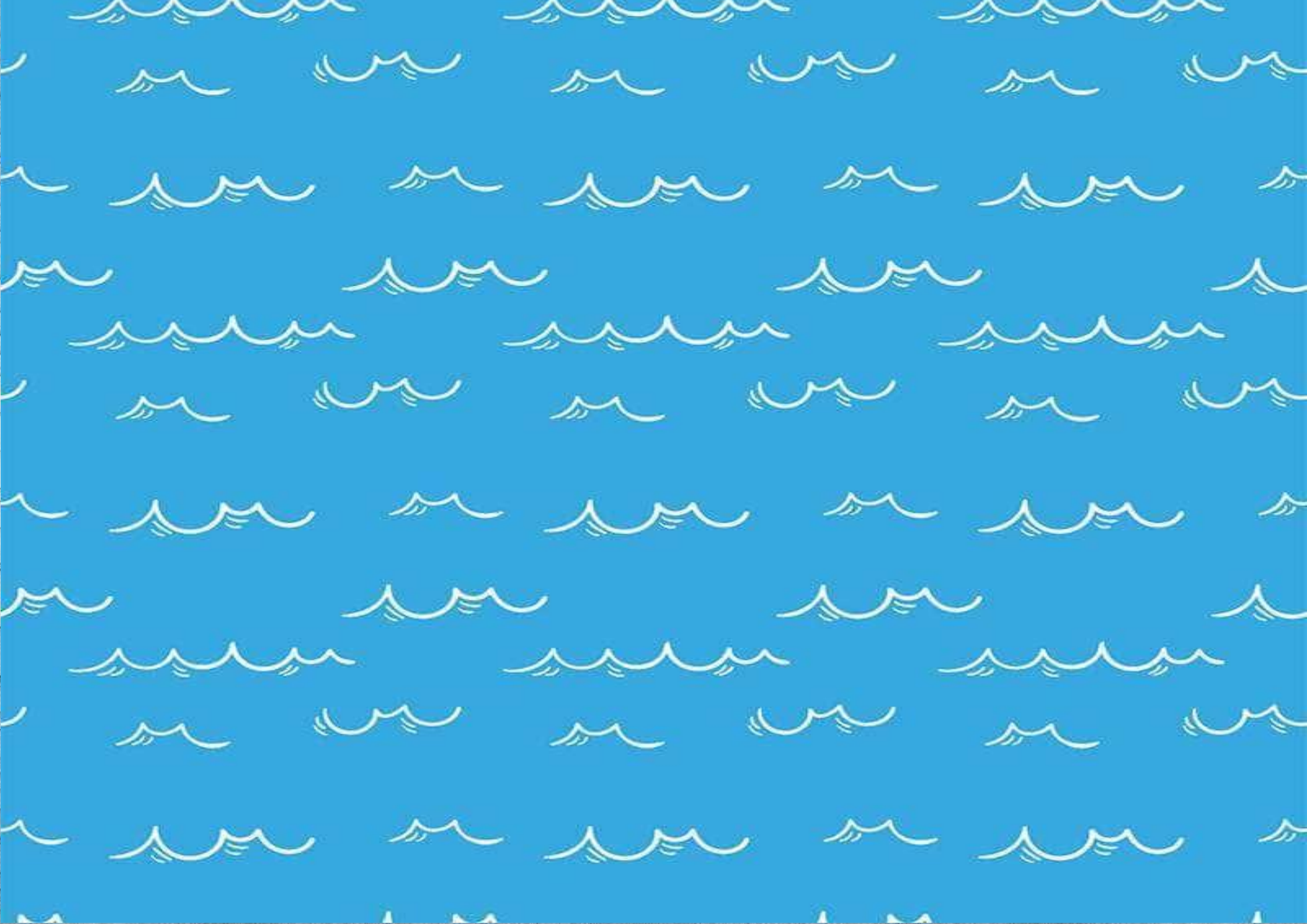


The background of the image features a complex, layered texture. It consists of numerous thin, overlapping layers of paper or fabric, creating a wavy, undulating surface. The color palette is primarily composed of various shades of blue, ranging from light, airy tones to deep, rich blues. A prominent horizontal band of bright yellow is visible in the center, which serves as a backdrop for the text. The overall effect is one of depth and movement, reminiscent of water ripples or the folds of a sail.

Trespassar é a sina dos que amam o mar

*In "O País de Akendenguê"*







**Pierre Akendengué & Conceição Lima**





**Congo 1961**

**Ele debulha as ruínas do dia novo**

**Parturiente de mãos lúcidas e atadas**

**Caminha de voz clara e cercado**

**Numa aurora de ruídos e mil portas.**

**Seu amor ficou na outra margem**

**Tecendo o recomeço em mil ausências**

**E ele avança entre serpentes e horas**

**À sua volta treva e luz se despedaçam.**

**Para o palco sobre agora e ferido**

**Por punhais idiomas e minérios**

**Há um quê de fruto e de relógio**

**Em seu corpo de lenha e de naufrágio.**

**Nem pão nem vinho.**

**Um corpo de lenha e sufrágio**

**O prodígio deste coração que submeteu a morte.**

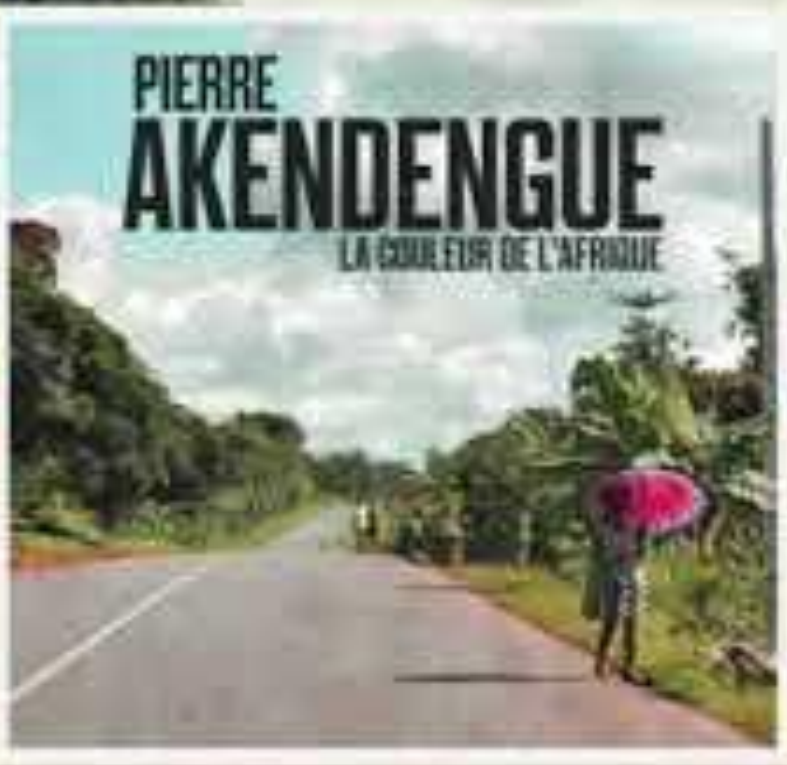
*In “O País de Akendenguê”*







PIERRE  
**AKENDENGUE**  
LA COULEUR DE L'AFRIQUE





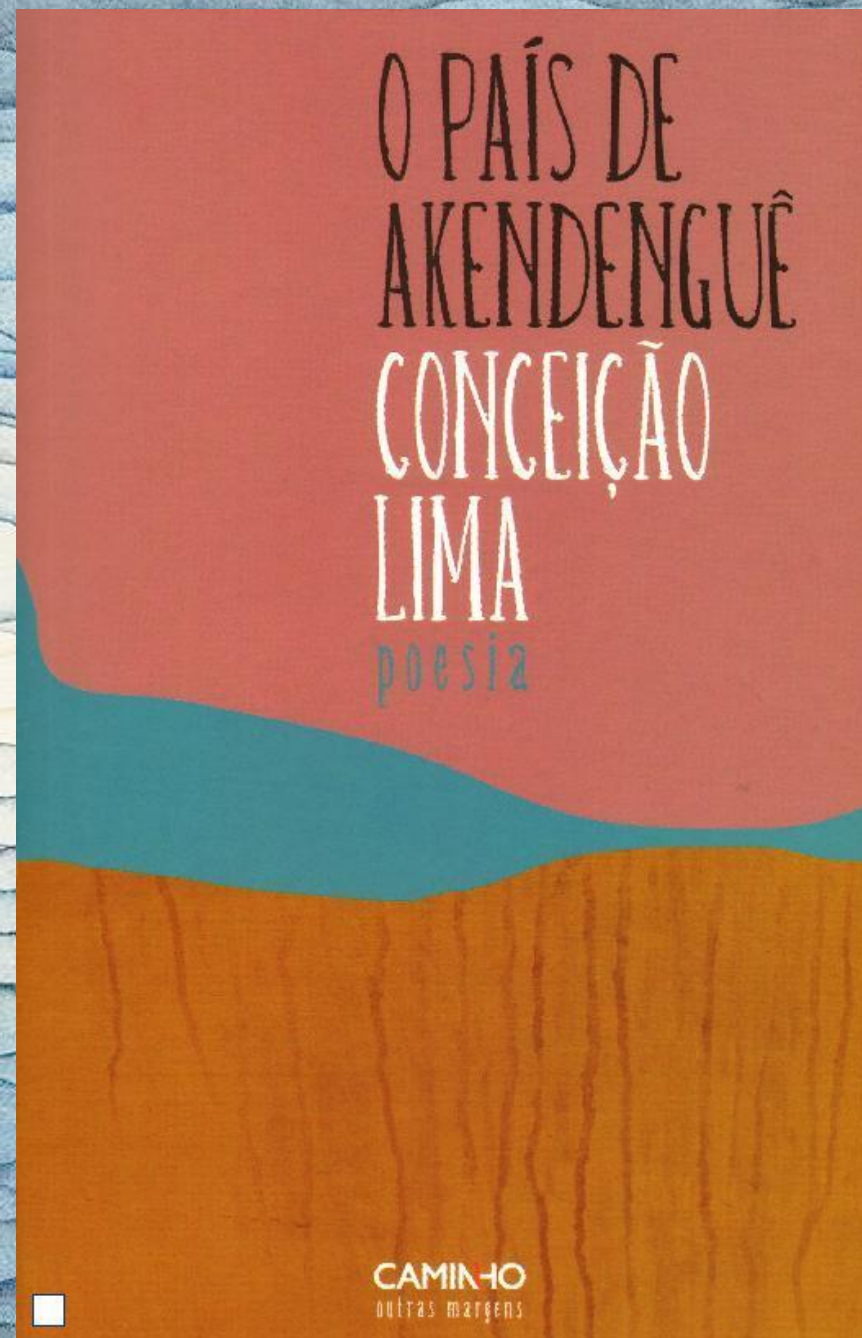


Non ka kontá tablé ku li ni boka

Rindo dizemos aflições

[Provérbio são-tomense]







## CONCEIÇÃO LIMA

Aquela a quem muitos chamam São e alguns confundem com a jornalista São Deus Lima – mas que, como poetisa, é Conceição Lima, não nos esqueçamos – é sem dúvida uma das mais portentosas poetisas de língua portuguesa. Embora um tanto bissexta, se pensarmos que desde 2015 que não publica um livro...

Poetisa que já tinha esse estatuto quando publicou o seu primeiro livro em 2004, *O Útero da Casa*, dada a imensa poesia dispersa em jornais, revistas e jornais, Conceição Lima vem-se afirmando como uma das vozes mais inovadoras no panorama das literaturas em português, e das literaturas africanas em particular, pela forma como tematiza o legado da história das ilhas do Equador e a relação histórica com o continente africano, articulando, de forma original, a expressividade lírica e a enunciação épica. Autora de quatro livros de poesia – a saber: *O Útero da Casa* (2004), *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006), *O País de Akendenguê* (2011) e *Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico* (2015) –, Conceição Lima tem habituado os seus leitores ao “[e]anto [d]a simbiose dos dias torrenciais e da brisa na gravana”, formulação metafórica que aponta para uma dupla temporalidade, feita da expressividade da dinâmica da história (a resistência à narrativa oficial, tanto do ponto vista colonial quanto pós-colonial), da sua proposição questionante (e por isso redentora) da visão do país e

de contínuos reagenciamentos identitários (culturais e afectivos) das Ilhas.

A escrita de Conceição Lima transforma as ilhas em espaços pensados não apenas a partir de elementos geográficos, mas tendo em conta as dinâmicas *relacionais* da história, da cultura, da política e até da psicologia. Isso mesmo vê-se num livro “tão identitariamente histórico” como *A Dolorosa Raiz do Micondó*, como se essa filosofia poética afirmasse que é impossível escrever *sobre* ilhas sem a participação de elementos da sensibilidade, do sentimento e da emoção. Uma escrita em que a relação com o mundo faz da sua poesia claramente uma poesia inserida num sistema-mundo literário.

Inocência Mata (CEComp/FLUL)







# Hora da Poesia

por Conceição Lima





## Projecto de Canção para Gertrudis Oko e Sua Mãe

Amanhã iremos:

antes do primeiro galo, pé ante pé

não vá despertar a cidade que enfim ressona.

Iremos juntas

engomada e passajada a velha saia

O lenço de vivas ramagens,

negado às traças

Iremos

sem temor dos fantasmas.

Conhecemos o trilho.

De olhos fechados o conhecemos, tu e eu –

adivinhamos o risco no chão

escavamos a decisão das pedras

já decifrámos o enigma de todas as perdas.

Ao virar da esquina seguiremos em frente

Sem vergar a cabeça, afastaremos o capim

Sentiremos o frio do orvalho nas nossas pernas-

caminhemos

Ao encontro do pregão no ventre da praça:

odores secretos, a luz das mangas

a voz da velha Mercedes proclamando a frescura

das couves.

*In “O País de Akendenguê”*



# KWAME SOUSA





**Kwame  
Sousa**  
[ Artes Visuais em São  
Tomé e Príncipe]











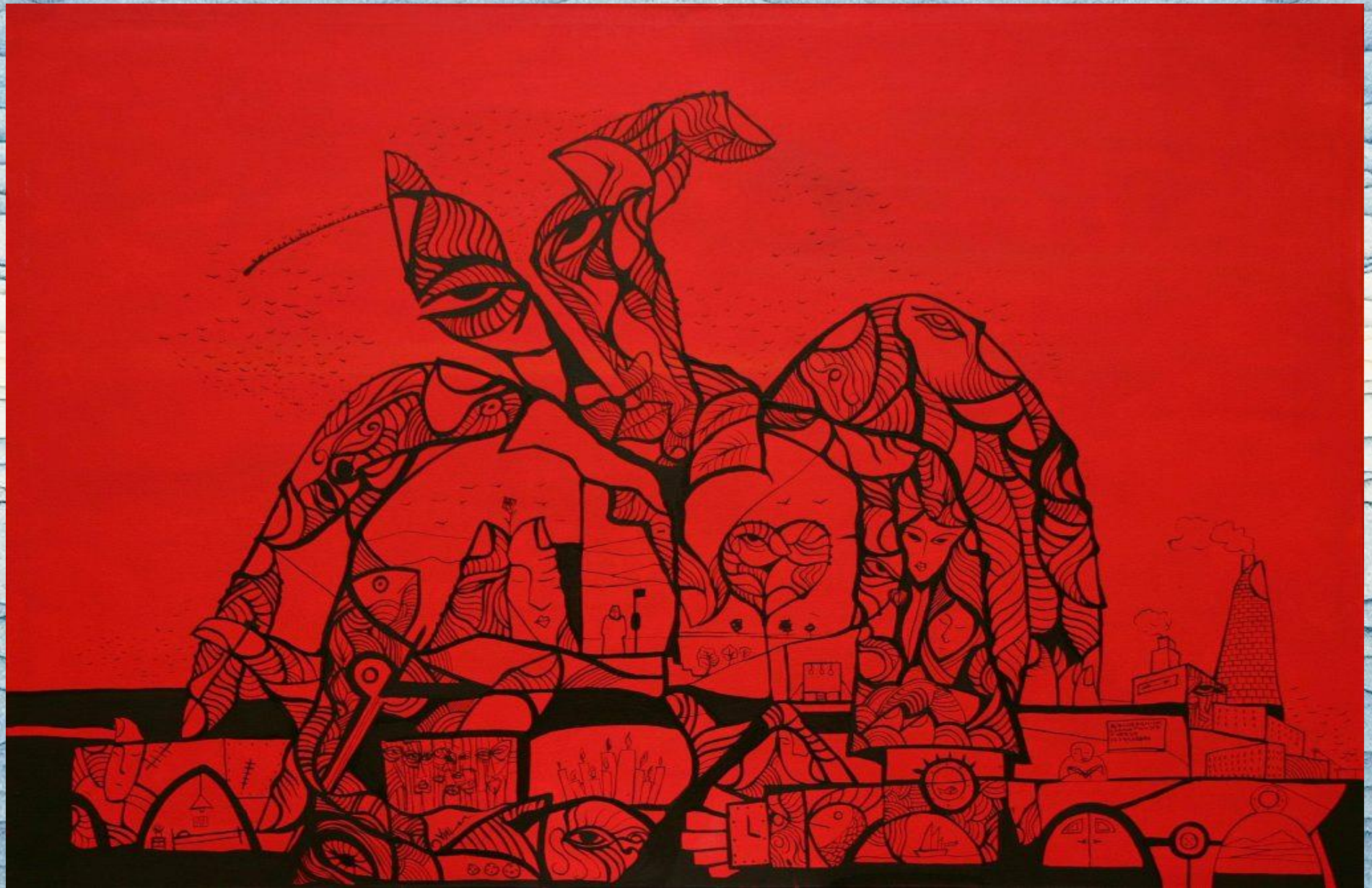


VALDEMAR

DÓRIA

















# TCHILOLI



Teatro de São Tomé e Príncipe

FUNDAÇÃO CALOJITE OLIVEIRAS





**Tchiloli é uma manifestação teatral de rua do país de São Tomé e Príncipe. A palavra tchiloli é de origem crioula, sinónima de teatro e deriva etimologicamente do português tiroliro (pífaro), a flauta transversal que se toca durante a arte cênica.**









**TRÊS VERDADES CONTEMPORÂNEAS**

**Creio no invisível**

**Creio na levitação das bruxas**

**Creio em vampiros**

**Porque os há.**

*In “ O País de Akendenguê”*



Entrevista de David Shook  
ao Téla Nón





## **Certos pequenos tiranos**

**A certos pequenos tiranos  
comove-os o enigma na pétala de uma orquídea  
e o langor da linha na palma da própria mão.**

**Algures, um estranho brinquedo falece  
na secretária onde existem.**

**Por vezes articulam breves sentenças  
e estão sempre em atritos com o mesmo orçamento.**

**Mas crêem no amparo de feitiços e amuletos  
e segregam uma teia de invencível apatia  
que tolhe as impressoras, as portas dos armários  
e contrai as linhas das quatro paredes.**

**Porque os emociona a própria bondade  
tomam por amor a vénia dos vassalos  
os pequenos tiranos  
que publicam altos amigos como títulos de jornal**

**e distribuem grãos de favor como quem outorga um foral.**

**São meticulosos no arrumar dos papéis  
pois na simetria das coisas enterram a luz das ideias.**

**Mortifica-os a idade, são hipocondríacos  
e só por distração morrerão em África.**

**Dói a doçura da savana espezinhada nesses pequenos tiranos  
A pátria em seus ombros é divisa, cartão de visita  
No borrão do carimbo dispara a AKA que nunca**

**[empunharam.**

*In “A Dolorosa Raiz do Micondó”*



Libreville, 10/8/74

3. 11. 74

CARTA DE ALDA ESPÍRITO SANTO

Mãis:

Um abraço muito grande  
te envio agora de muito pert.

Que as fronteiras da espiritualidade  
africanas possam ter um  
certo peso numa realidade  
objectiva, que o nosso país  
de Angola seja brilhante o  
sol da verdadeira liberdade  
e que o teu contributo  
seja um pilar gigante  
para barrer o colonialismo  
e construir uma terra  
dignificada, são os

meus maiores votos.

Mãis amigo, dos velhos tempos  
da nossa juventude, em que  
soubávamos em "a longa  
marcha" certo antigo  
para que o mundo se  
lembrasse da existência de um

pequeno acampamento, o Fome e  
Simplicet, que foram também  
diante a conquista da  
independência nacional.

Desde que um trabalho  
muito grande.

Ante a tua presença aqui  
para perseguir a nossa  
luta.

Um beijo à tua mãe  
Um grande abraço da amiga  
de sempre Alda - A vitória é certa,





**Aldá Espírito Santo e Conceição Lima**



**Inocência Mata e Aldá Espírito Santo**





Alda Espírito Santo, por Antonio Domingos, 1952.

## ANGOLARES

Canoa frágil, à beira da praia,  
panos presos na cintura,  
uma vela a flutuar...

Caleima, mar em fora  
canao flutuando por sobre as procelas das águas,  
lá vai o barquinho da fome.

Rostos duros de angolares  
na luta com o gandu  
por sobre a procela das ondas  
remando, remando  
no mar dos tubarões  
p'la fome de cada dia.

Lá longe, na praia,  
na orla dos coqueiros  
quissandas em fila,  
abrigando cubatas,  
izaquente cozido  
em panela de barro.



Hoje, amanhã e todos os dias  
espreita a canoa andante  
por sobre a procela das águas.

A canoa é vida  
a praia é extensa  
areal, areal sem fim.

Nas canoas amarradas  
aos coqueiros da praia.

O mar é vida.

P'ra além as terras do cacau  
nada dizem ao angolar  
"Terras tem seu dono".

E o angolar na faina do mar,  
tem a orla da praia  
as cubatas de quissandas  
as gibas pestilentas  
mas não tem terras.

P'ra ele, a luta das ondas,  
a luta com o gandu,  
as canoas balouçando no mar  
e a orla imensa da praia.

Alda Espírito Santo



## **QUEM SOMOS?**

**O mar chama por nós, somos ilhéus!  
Trazemos nas mãos sal e espuma  
cantamos nas canoas  
dançamos na bruma**

**somos pescadores-marinheiros  
de marés vivas onde se escondeu  
a nossa alma ignota  
o nosso povo ilhéu**

**a nossa ilha balouça ao sabor das vagas  
e traz a espriar-se no areal da História  
a voz do gandu  
na nossa memória...**

**Somos a mestiçagem de um deus que quis mostrar  
ao universo a nossa cor tsnada  
resistimos à voragem do tempo  
aos apelos do nada**

**continuaremos a plantar café cacau  
e a comer por gosto fruta-pão  
filhos do sol e do mato  
arrancados à dor da escravidão**

**OLINDA BEJA**







## Regresso

Hei-de voltar um dia para saber  
o valor da liberdade que não tive  
e correr de novo pelo mato perfumado e virginal  
as loucas correrias de criança  
Hei-de voltar para enfrentar a realidade  
dum povo esquecido e falar  
de novo a língua dos avós  
que outra língua suplantou e recalcou.  
O regresso é sempre a fonte principal  
da nascente inesgotável de uma vida  
origem-razão  
origem-mãe.

Beja, Olinda- *Bô Tedê?*



Seguinte



Lúcida mergulho na água,  
fria água da memória.

Só o vento, só o vento  
me acompanha.

Manuela Margarido





Vós que ocupais a nossa terra

E preciso não perder  
de vista as crianças que brincam:  
a cobra preta passeia fardada  
à porta das nossas casas.  
Derrubam as árvores fruta-pão  
para que passemos fome  
e vigiam as estradas  
receando a fuga do cacau.  
A tragédia já a conhecemos:  
a cubata incendiada,  
o telhado de andala flamejando  
e o cheiro do fumo misturando-se  
ao cheiro do andu  
e ao cheiro da morte.  
Nos nós conhecemos e sabemos,

tomamos chá do gabão,  
arrancamos a casca do cajueiro.  
E vós, apenas desbotadas  
máscaras do homem,  
apenas esvaziados fantasmas do homem?  
Vós que ocupais a nossa terra?

Manuela Margarido





Desde a orla do mar  
Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim.

Sophia de Mello Breyner



Conceição Lima e Sophia de Mello Breyner (1919-2004, em São Tomé e Príncipe.  
Foto: Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.





## O AMOR DO RIO

Os sonhos do porvir, os cantos que cantei, carrego-os

[na voz

Antes da minha voz, já um nome fora dado a cada coisa

[e a cada coisa uma medida

Em cada nome pus apenas um sopro de lume insubmisso;

[em cada coisa, uma sugestão de prumo e de estrela.

Sorve agora das palavras o travo, amor, favo a favo; bebe

[o crescendo deste áspero concerto.

Busco ainda o frémito do compasso, as alturas de um

[coro pigmeu.

Na mão, conservo os rascunhos, aquela letra adiada

[a extensão da rasura.

Do que te dou, eis que não me cabe senão o dom

[que a meus olhos te revela.

São minhas e sem fim as margens deste rio

Meu o caudal, o sulco da piroga. Pertence-me a sisudez

[das pedras, a impaciência dos sábios.

Magros. São magros estes campos, a fracção que nos detém.

Magra a colheita, a safra instigada, magros os dedos e a

Mão que os sustém, magro o grão que brota na cova

[desta mão.

Crescem muralhas inesperadas, visitante, nestes campos.

Crescem neste viveiro de tenras couves, crescem como

[carnívoros bolbos no olho da paisagem.

Crescem à sombra de véus e distância, crescem na solidão

[dos espectros avulsos,



crecem sitiadas por insones flores.

Este lugar é a minha casa, não tenho outra.

Esta casa é o meu lugar, não quero outro.

Ainda que o ventre da infância reconvoque outro exílio.

Mesmo se a angústia das mães antecipa a aurora.

Por isso trouxe ao teu jardim o odor do sal, a raiz do mar

[que bordeja o baobá.

Filha insular, não me saúdes! Dá-me um umbigo de algas

[e de estrume- quero plantar o coração dos fantasmas

[elementares.

Em fogo moldarei então as proporções onde um laço

[de ndombó amarrará para sempre o nosso amor

no mesmo Nilo.

Corpo de onda, quantas vezes passei por ti e não te vi?

[Quantas vezes rocei teu vulto e te esqueci?

Quantas vezes o espelho separou a nossa frente e nos

[uniu? Quantas vezes esse espelho nos confundiu?

Quantas vezes nos perdemos, face a face, sem ouvir

Do rio o som que nos funda e reinventa?

Para ti esta água se liberta no meu canto, se reergue

[a velha Casa no meu pranto,

Do meu seio rumoreja a nascente no teu quarto.

Este amor do grande rio nos convoca.

*In "O País de Akendenguê"*







## **Versão de Deserto**

Trazido não sei por que apelos, urgências

Vieste impugnar o momento que me cerca.

Demora – conclamas – a clara voz em minha boca.

Peço-te porém que repares:

não agonizam dunas nestes campos.

Aqui não jazem ossadas sem registo

nem apodrecem espectros de

perdidas caravanas.

Nenhum trilho foi abandonado

e não reneguei

Não, não reneguei

o nome do pai do meu pai.

O meu deserto é a vertical semente de um barco

O areal (seu brilho de nada e de lago)

não é senão a metáfora de uma horta

talvez uma projectada cisterna.

Esta claridade nos olhos do griot cego

este reflexo que obscurece a luz do dia

não irradia de um céu empedernido

a minha fome não é a maldição

do velho deus inclemente.

E todavia devora-me a cicatriz da penúltima batalha

e tenho por estigma

a memória de um longo fratricídio.

Mas estou aqui



sob este sol que alucina

a savana ao meio-dia.

Aqui, sob este toldo rasgado

onde envergo a sede dos meus ossos

e perduro sem jardim nem chuva

sem tambores nem flauta

sem espelhos,

companheira do tempo que amarra

as minhas veias ao umbigo do poço.

Não, nenhum trilho foi esquecido

e venero o profano nome do pai do meu pai.

Lenta a vertigem vai esculpindo

os murmúrios de um rio incerto –

planto estacas

em redor da vigília dos meus mortos.

Não anuncio.

Tardo e não prenuncio reino ou abismo

Não sou mensageira de vãos sacrifícios,

épicas derrotas, novos caminhos.

Aqui onde o inferno acontece

nestê lugar onde me derramo e permaneço

inauguro a véspera da minha casa.

O meu silêncio franqueia

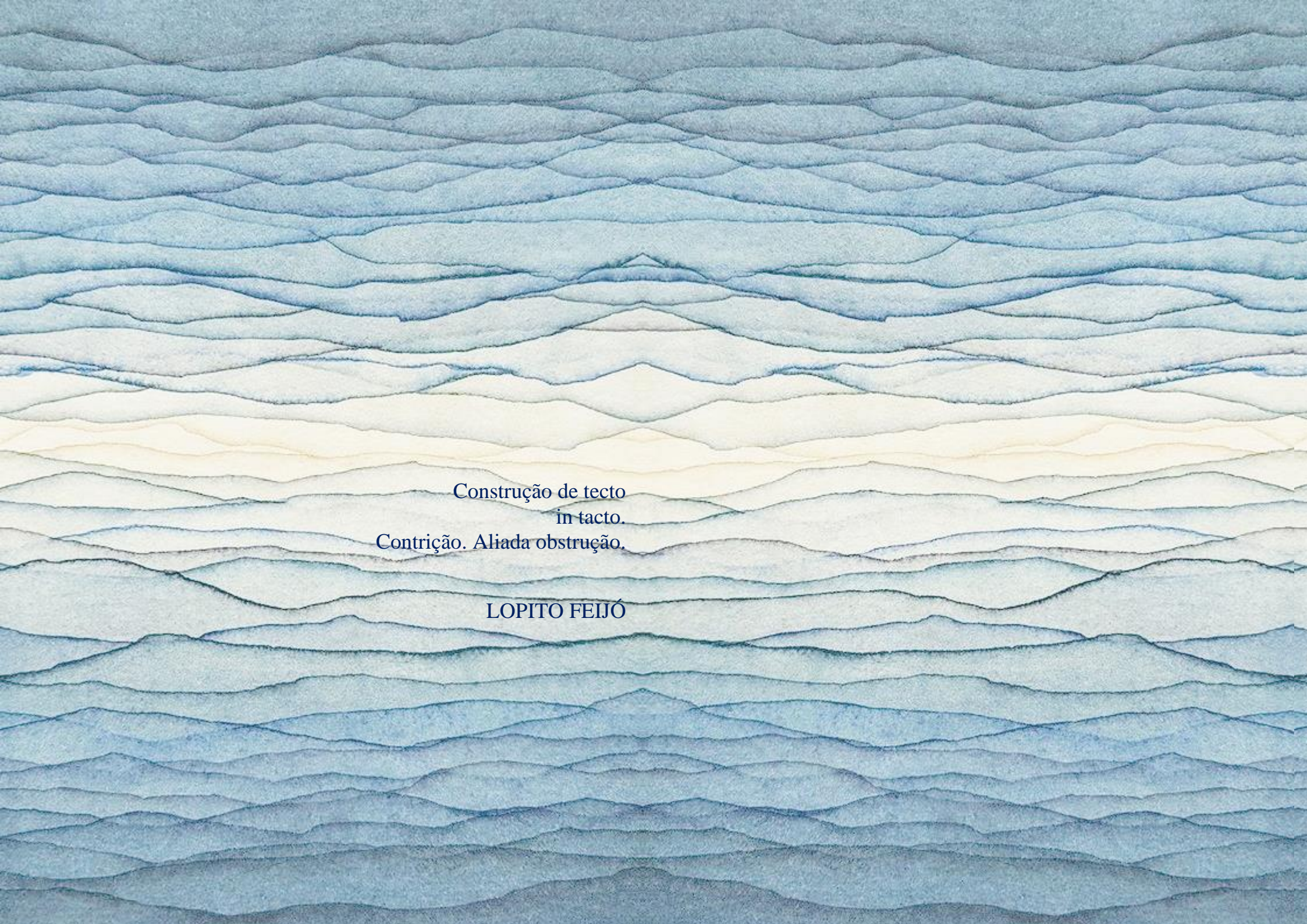
o umbral de qualquer coisa.

*In “A Dolorosa Raiz do Micondó”*









Construção de tecto  
in tacto.  
Contrição. Aliada obstrução.

LOPITO FEIJÓ







## Vila Maria Número Seis

Gosto de me sentar na Vila Maria  
nas tardes de domingo

E gosto, nas tardes de domingo  
na Vila Maria

do rumor da brisa na casa número seis.

Gosto do quintal amplo, de barro escuro

Onde o verde do xapo-xapo é mais puro  
e a polpa mais macia, mais algodão.

Bananeiras alinhadas como soldados  
carambolas, pitangas, maracujás

e os ramos das goiabeiras estendidos

como mãos

Gosto da bananeira-flor, à entrada  
erecta como um guardião

da simetria do seu leque

aberto em oferta

e da sombra que cai a pique

sobre a relva

Há um cheiro vegetal, de pomar

Mesmo se a maresia atravessa o ar  
na Vila Maria número seis.

Gosto da azáfama de domingo nas traseiras



quando na gamela a lussúia é promessa  
e p'los degraus de pedra perpassam gestos e pressa

O crepitar da brasa no fogão  
as últimas ordens o frémito de festa  
e o vulto de Aíto reclinado no cadeirão

Gosto da inesperada saudação  
de nhô N'Toni  
de longe, desde o portão  
seu gesto antigo de chegar  
seu cantante falar  
de Santo Antão  
pejado de sussurros e secretas novas

e o aguardado modo de puxar a cadeira  
para com Nanda partilhar a refeição.

Gosto das tardes de domingo  
na casa número seis da Vila Maria  
onde as horas se repartem como gomos  
iguais  
e os encontros têm a conivente magia  
dos rituais.

*In "O Útero da Casa"*











## VIAJANTES

Traziam poentes e estradas  
A sede do horizonte os chamava.

– A quem pertences tu?  
Quem são os da tua casa?

Assim estendia nossa avó  
A caneca de água ao viajante

*In “O País de Akendenguê ”*



**CONCEIÇÃO LIMA – ENTREVISTA CONCEDIDA  
À ASSUNÇÃO SOUSA - PARA A REVISTA  
MANGUES&LETRAS**

**1 - Conceição Lima, em primeiro lugar, quero agradecer a sua disponibilidade de nos conceder essa entrevista. É com satisfação que lhe envio essas perguntas para que o público leitor tenha oportunidade de conhecer suas ideias. Um dos seus poemas “A casa” revela uma perspectiva de criação geo-territorial de um projeto e, ao mesmo tempo, traduz o *modus operandi* de sua formação. O eu poético exalta a constituição da casa através de um gesto cartográfico que dimensiona a formação e a projeção inacabada. O poema nos estimula a pensar sobre o passado, situarmo-nos no presente e perspectivar o futuro alimentado por nossos sonhos. Interrelacionando o poema com o contexto de seu país hoje, qual sua visão sobre o projeto de nação de São Tomé e Príncipe?**

**R – Sim, projecto de nação ou nação em construção, cujos fôlegos primordiais começaram por se manifestar através de uma consciência identitária dos crioulos, mestiços e negros, os chamados filhos da terra, uma consciência com enraizamento secular, passando pela afirmação e predomínio dos são-tomenses nos movimentos protonacionalistas ativos em Portugal durante a Iª República. Era um sentido identitário forrocêntrico que prevaleceu até à proclamação da independência, a 12 de Julho de 1975, altura em que o governo do Movimento de Libertação decreta o alargamento das margens da nação, conferindo o direito de pertença a todos os então residentes, uma decisão que abrangeu, de forma especial, as comunidades trazidas para o arquipélago nas condições que todos conhecemos, para sustentar a impiedade da economia de plantação: angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos. Creio ser importante dizer que a proclamação e reivindicação, a partir de finais da primeira metade do século XX, dessa nação projectada, desta obra inacabada, contínua, sujeita a mutações, deste projecto em quotidiana construção, este projeto que conhece recuos, travagens e avanços, se formula pela palavra poética: Francisco José**



Tenreiro, Marcelo da Veiga, Maria Manuela Margarido, Alda Espírito Santo, Tomás Medeiros. Parafrazeando Agostinho Neto, “não foi o cantar do galo que anunciou o novo dia, mas sim a voz dos poetas.” A nação literária antecedeu a nação política e nos poemas dos pais e mães fundadores e fundadoras, sente-se já o sopro vital da pátria. A minha visão sobre o projecto de nação para São Tomé e Príncipe inscreve no seu âmago a preservação da liberdade, a afirmação dinâmica da identidade e das identidades culturais num todo harmonioso, a justiça e a coesão sociais num Estado multicultural, embora exíguo (cinco línguas em 1000 quilómetros quadrados), a erradicação das desigualdades flagrantes, a abolição da sloganização da palavra. Uma nação em que a cultura não seja parente pobre, em que o livro seja acessível como instrumento de construção da cidadania e a leitura uma forma de respiração. Uma Casa-Nação, a um tempo colectiva e íntima, guardiã das suas memórias, as traumáticas e as luminosas, semeadora, vindimadora e fruidora de todo o potencial dos seus filhos e filhas, um pomar de esperança, de resiliência, ambição e concretização das aspirações mais elevadas. Uma nação na qual a

exuberância e a beleza das paisagens, da natureza não estejam divorciadas do destino dos seus habitantes. Casa-mátria da qual possamos afirmar com orgulho que somos herdeiros e legatários. Um corpo de mar e de basalto, emergindo altivo das ondas como um degrau indestrutível, dádiva e oferenda, chamamento no âmago do poema que, habitando-a, concorre, simultaneamente, para a sua construção. Uma casa de paredes porosas e rijas que, tal como no verso, se metamorfoseie nos rostos dos seus moradores.

2- Há na sua obra outros poemas que alertam sobre as artimanhas do poder ou daqueles que o detêm e exercem o controle sobre a população nos mais variados contextos e épocas. Refiro-me, por exemplo, ao que trata “Antiepopéia”, “O guardião”, “Os pequenos tiranos”, “Certos pequenos tiranos”. Você expõe poeticamente determinados atos de poder. Em que medida isso tem alguma relação com a construção e repercussão histórica do seu país?



R – Essa relação existe quanto à construção e repercussão histórica do meu país, em certa medida, e de África, especialmente da África sub-sahariana mas não só, pela experiência e pelos conhecimentos adquiridos sobre a trajetória mais recuada e a consciência de determinadas realidades no tempo presente. Esse percurso desnuda dolorosos pontos de contacto entre certas práticas de exercício do poder do passado e do presente. Não existe o propósito de fazer do texto poético um substituto de páginas de compêndio de História ou de manifestos políticos. Como diz, é um exercício de elaboração poética.

Um exercício ao qual subjaz a intencionalidade de imbuir, de alguma forma, a palavra de uma função simultaneamente de rememoração, de exorcismo, de recusa do apagamento e de exortação a um estado crítico e de alerta, um estado gerador de resistência e de mudança. Uma resistência de que o próprio poema, dentro do âmbito da sua vocação e potencialidade, se torne tocha e âncora, quer propondo-se escavar, pelo viés da subjectividade meditativa, memórias traumáticas, quer intentando revelar, expor, as teias

conjugadas que, no presente, cerceiam, rasuram, obliteram e adiam, muitas vezes, a concretização do sonho, da esperança, as mais legítimas aspirações, a prerrogativa de reivindicar e usufruir do direito aos frutos maduros e à justa claridade dos dias, como plenos habitantes da palavra e do tempo.

3 – Em 2016, você e Gerson Soares criaram e produziram o documentário FITXICÊLU – Crenças, estigma e ostracismo (GS Produções) o qual aborda um dos grandes problemas sociais de São Tomé e Príncipe: a forma como as pessoas mais velhas e pobres são tratadas, acusadas de feitiçaria. Esse problema ainda persiste no país com a mesma intensidade? Quais têm sido as soluções para a garantia dos direitos dos idosos no seu país? Li matérias em sítios que o documentário foi excluído do prêmio de jornalismo à época. Quais foram as implicações e consequências da criação e publicização desse documentário?



R – Esse documentário foi o primeiro trabalho de exposição e denúncia de uma dolorosa realidade, um tabu escancarado, um dos aspectos mais tenebrosos da sociedade são-tomense que tem vindo a aumentar: a marginalização, a ostracização, a estigmatização, a violentação física e psicológica das pessoas idosas. As principais vítimas são mulheres. Não creio que seja um exagero falar-se numa certa forma de feminicídio cívico e social que chega a culminar, às vezes, em assassinatos. O aumento dos níveis de pobreza, a inexistência de políticas públicas assistenciais por parte do Estado devido ao profundo enraizamento dos preconceitos e das crenças do topo à base, a dificuldade da própria família em compreender e interpretar os sinais de senilidade são fatores que se conjugam para vitimar os idosos e, principalmente, as idosas. Posso dizer que o maior advogado das pessoas idosas maltratadas por supostas práticas de feitiçaria em São Tomé e Príncipe tem sido o Bispo da Diocese de São Tomé, Manuel António Santos, que não se cansa de pregar e de apelar à mudança de mentalidades e à prática da solidariedade ativa.

Aliás, as medidas de proteção e de assistência são lideradas pela Igreja Católica, através da Santa Casa da Misericórdia, das Cáritas e de instituições paroquiais que têm lares de acolhimento. Também a Cruz Vermelha de São Tomé e Príncipe desempenha um papel muito meritório, acolhendo idosos expulsos das suas comunidades, albergando-os, alimentando-os. Se é certo que os que acolhidos nesses lares deixam de ser perseguidos e maltratados, certo é também que passam a viver num estado de confinamento, de solidão, removidos das suas casas e das suas comunidades. Estas crenças e práticas sempre existiram em São Tomé e Príncipe mas, paradoxalmente, aumentaram de forma exponencial depois da independência. Muitos anos antes de ter produzido o documentário, essa trágica realidade inspirou-me o poema “A Lenda da Bruxa”. Digamos que o documentário coproduzido por mim e por Gerson Soares retoma o espírito do poema, retratando de forma tão factualmente objetiva quanto nos foi possível, com exemplos concretos, dando voz às vítimas, à Igreja Católica e à Cruz Vermelha, a assistentes sociais, a académicos e a sociólogos, entre outros. Os dois responsáveis do Governo contactados – um ministro e



uma diretora – declinaram participar no programa. O documentário foi submetido a tempo. Porém, acabou sendo excluído do concurso, a pretexto de um pormenor burocrático que teria sido facilmente ultrapassado, caso nos tivessem informado a tempo. Quando nos foi dito que havia “um requisito” alegadamente não preenchido, já o prazo de aceitação das candidaturas havia expirado. A verdade é que o documentário teve repercussões, com vozes da opinião pública e da sociedade civil mostrando-se indignadas com a sua exclusão do concurso. O lado positivo é que a TVS, a Televisão São-tomense, o tem transmitido regularmente, está nas redes sociais e gostaríamos de acreditar que, no mínimo, os pungentes testemunhos das vítimas, bem como o posicionamento dos que revelam as causas e se opõem a estas crenças e práticas, procurando combatê-las, diluí-las, estejam a levar algumas mentes a refletir sobre essa faceta da sociedade são-tomense, repensando respostas além da indiferença ou da caução silenciosa, questionando, simultaneamente, a inexistência de políticas públicas de proteção.

4 – Em uma roda de conversa nas redes sociais (2014), você se refere às escritoras negras no enfrentamento contra as injustiças e diz que ser escritora é “a realização de um direito e a concretização da plenitude de um ser”. Quais os possíveis “pontos de contatos” das mulheres negras que escrevem em São Tomé em Príncipe com as de outros países africanos, as do Brasil ou do Caribe?

R – Bem, julgo não estar a distorcer a realidade se disser que na literatura e, neste caso concreto, na poesia, prevalece uma hegemonia ocidental e do sexo masculino. É preciso não esquecer que, mesmo no Ocidente, escritoras como Amandine Aurore Dupin e Mary Ann Evans, entre outras, para se esquivarem aos preconceitos de sociedades que depreciavam a produção intelectual feminina, recorreram a pseudónimos masculinos (George Sand e George Eliot). Claro que já não estamos no século XIX, mas persiste a hegemonia ocidental, masculina e burguesa. Para as mulheres negras, sejam africanas ou afrodescendentes, os



entraves e obstáculos no universo literário serão maiores, embora com exceções motivadoras, quer em termos de oportunidades de publicação, quer em termos de tradução. Um dos pontos de contacto é essa consciência de perifericidade. Outro, a consciência da importância da literatura enquanto flor e espada contra as heranças dos silêncios colectivos e individuais impostos por séculos de dominação e subalternização. Outro importante ponto de contacto pode resultar da constatação de que as mulheres negras em São Tomé e Príncipe, em outros países africanos, no Brasil ou no Caribe, estando cientes do duradouro legado escravagista e colonial, do qual o racismo será uma das expressões mais resistentes e pífidas, se apropriem, simultaneamente, de abordagens criativas das especificidades de género para destapar não só as injustiças sociais, mas também, por exemplo, a natureza, muitas vezes desigual e perversa, do relacionamento entre a mulher negra e o homem negro. Nesse domínio, as norte-americanas Tony Morrison e Alice Walker são dois exemplos emblemáticos, mostrando como o autoquestionamento ou a dissecação atualizada dos pontos negativos da nossa própria comunidade pode ser

um excelente fermento para a criação literária. Também os espinhosos desafios de se ser mulher, mãe, quantas vezes chefes de famílias monoparentais, as implicações desses factores para a afirmação da cidadania plena.

5- Sua obra é reconhecida e respeitada pela qualidade e contundência poéticas. Há poucos meses, a Academia Americana de Poetas e a Revista *Words Without Borders* protagonizou, com precisamente 327 poetas de 79 países, um concurso no qual você foi uma das premiadas pelo poema “Afroinsularidade”, traduzido por David Sook. Fale sobre a importância deste intento para você e para a literatura de São Tomé e Príncipe?

R – Foi um momento inesquecível para mim e julgo que marcante para a literatura de São Tomé e Príncipe, muito mal conhecida no exterior e muito pouco estudada no país. Vencer, *ex aequo*, o concurso *Poems in Translation*, ao qual concorreram 606 poemas em 61



línguas e 327 poetas de 79 países, significou algo de muito especial para mim.

As homenagens do Presidente do parlamento, do Governo, na pessoa do Primeiro-ministro, da União Nacional dos Escritores e Artistas, de outros círculos culturais, bem como dos cidadãos são-tomenses no país e na diáspora, indicaram que São Tomé e Príncipe se identificou com esse reconhecimento, com esse prémio. E não poderia deixar de referir aqui as manifestações de carinho de amigas e amigos de várias partes do mundo, incluindo o Brasil.

6 – Dos livros *O útero da casa Poesia* (2004), *A dolorosa raiz do micondó* (2006), *O país de Akendenguê* (2011) e *Quando florirem salambás no tecto do pico* (2015), qual você teve alguma dificuldade de escrever e em publicar e o que provocou maior impacto sobre os leitores? E ainda pergunto: como se realiza seu processo de criação?

R – Não tive qualquer dificuldade em publicar os três primeiros. Pelo contrário, o segundo e o terceiro foram-me praticamente arrancados das mãos pelo meu querido editor da Editorial Caminho, Zeferino Coelho, porque tenho o hábito de reescrever, reescrever, reescrever. Está sempre a perguntar quando lhe enviarei o próximo livro. Espero que seja este ano. Estive muito tempo sem publicar, acumulando proto-escritos na gaveta. Agora, sinto que tenho matéria para publicar. O quarto, *Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico*, foi escrito sob uma certa pressão/ apelo emocionais e, uma vez escrito, quis concorrer ao Prémio Nacional de Literatura Francisco José Tenreiro, com muito pouco tempo já, razão pela qual foi editado em São Tomé pela casa impressora Lexonics. Foi uma edição bela e quase artesanal, de que gosto muito e que teve uma tiragem muito pequena. Só recentemente me empenhei em contatos editoriais para a sua publicação fora de São Tomé, o que deverá acontecer ainda este ano. Não sinto que tenha tido propriamente dificuldades em escrever qualquer deles. Diria, sim, que *O País de Akendenguê* foi mais demorado, se calhar porque os poemas que o compõem moraram muito mais tempo dentro da minha



cabeça, foram sujeitos a um processo de ordenamento mental mais lento do que os outros. Julgo não haver dúvidas de que o meu livro mais divulgado, estudado, o que tem suscitado mais atenção da crítica, nomeadamente aí no Brasil, e dos tradutores, é *A Dolorosa Raiz do Micondó*. Já foi traduzido para o espanhol pela Editora Baile del Sol e pela Editora El Perro y la Rana, de Caracas, traduzido para o alemão pela Editora Delta, de Estugarda (que já traduziu os meus quatro livros), pela italiana Edizione Kolibris e, no próximo ano, está projetada uma tradução para o francês.

O meu processo de criação é, habitualmente, lento, pela obsessão da reescrita, embora haja poemas que saíam e saem da cabeça e do espírito para o papel quase prontos. Curiosamente, um deles é o poema mais longo que escrevi até hoje: “Canto Obscuro às Raízes”, do livro *A Dolorosa Raiz do Micondó*. Contudo, muitas vezes, o poema fica dançando, fica em fermentação dentro de mim durante um tempo indeterminado. Quando o transfiro para o papel (gosto de escrever primeiro em blocos de notas e só depois passo para o

computador) é por sentir que já tenho um poema, o poema, embora depois me ponha a reescrever. Também rasgo uns quantos. Preciso de um anel de silêncio à minha volta para escrever e isso explicará o facto de escrever quase sempre à noite.

7 – No poema “Poucas palavras”, você recorre à ideia de versar sobre a palavra dita em sua escassez, sedimentada nas intempéries da vida: “O verso captura a magreza de um osso / Cifra a solidão de um pássaro em voo”. Poema intenso em imagens e na primazia da concisão para atingir o âmago poético. Esse exercício primaz com a palavra: dizer buscando revelar “a magreza de um osso” e “cifr[ar] a solidão de um pássaro em voo” faz parte de sua busca por um maior refinamento estético?

R – Eu procuro sempre um maior refinamento estético. Se consigo ou não, a palavra caberá aos leitores, aos críticos literários. Porém, é um facto que em alguns dos



meus poemas mais curtos, mais enxutos, mais secos, sinto manifestar-se uma sensação especialmente gratificante de domínio e controlo da palavra e do seu alcance.

8 – Aqui no Brasil, você é uma das autoras africanas cujos poemas são lidos, comentados e divulgados por muitos/as leitores/as. Qual a importância desse reconhecimento para você e para a literatura de São Tomé e Príncipe?

A importância desse reconhecimento é imensa e extremamente motivadora, inspiradora. A minha poesia está particularmente ligada ao Brasil por laços muito especiais. Antes de todos, os que referiu, pois o destino do poema é o leitor e saber que tenho um número significativo de leitores e leitoras no Brasil é muito estimulante. Estes laços foram fortalecidos por convites que me permitiram participar em quatro eventos de relevo, nomeadamente a IIª Bienal de Brasília, uma

Feira do Livro no Ceará que me proporcionou a oportunidade de conhecer pessoalmente Wole Soyinka e ter o privilégio de traduzir a sua conferência, o ÁFRICA BRASIL 2017 - V Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Africanas da UESPI, em Teresina e a IIª Conferência dos Docentes de Literaturas Africanas.

Esta ligação estendeu-se ao plano editorial com a publicação do meu segundo livro de poemas, *A Dolorosa Raiz do Micondó*, pela *Geração Editorial*, de São Paulo. Dessa relação editorial surgiu um dos momentos mais marcantes da minha carreira, quando, em 2015, o livro ficou em primeiro lugar num concurso do Programa Nacional de Bibliotecas Escolares, PNBE, entre mais de 400 títulos concorrentes, daí tendo resultado uma tiragem de 35.500 exemplares pelo Ministério Brasileiro da Educação. É-me também particularmente gratificante a atenção que a minha poesia tem vindo a merecer da comunidade académica brasileira, os diversos estudos, ensaios, dissertações, as teses de licenciatura, mestrado e doutoramento. Estou convencida de que o Brasil é o país onde a minha poesia



**é mais estudada, entendendo esse facto não apenas como um prolongamento do conhecimento da minha obra mas, igualmente, como uma projecção da literatura de São Tomé e Príncipe não muito conhecida além-fronteiras, o que reforça sobremaneira para mim a importância desse reconhecimento.**


**9 - Muito obrigada pela entrevista, Conceição Lima.**

**R – Os agradecimentos mais sinceros são meus. Êxitos redobrados para a revista.**










Paixa sobre mim a presença/ de uma mão partida /e sempre  
uma ave parte: /nunca sei para onde  
(Manuela Margarido, 1957, XVI).



**Dedicamos este volume ao querido amigo Carlos Emílio Corrêa Lima, escritor cearense, também editor desta revista, que partiu deste mundo no dia 02 abril de 2022 em um rabo de foguete para habitar as estrelas intergalácticas e que nos deixou com essa saudade infinita...**







**“Escutem minha caligrafia,  
seus ramos atentos e me façam felizes, pois sou muitos ouvindo  
devagar o sopro da brisa, afinal, votante do mar”.**

**Carlos Emílio Corrêa Lima  
1956 – 2022**









revista  
**mangues  
& letras**

